

ANNO XI
NUMERO 243



A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA

A ARTE MUSICAL

Publicação quinzenal de musica e theatros

LISBOA



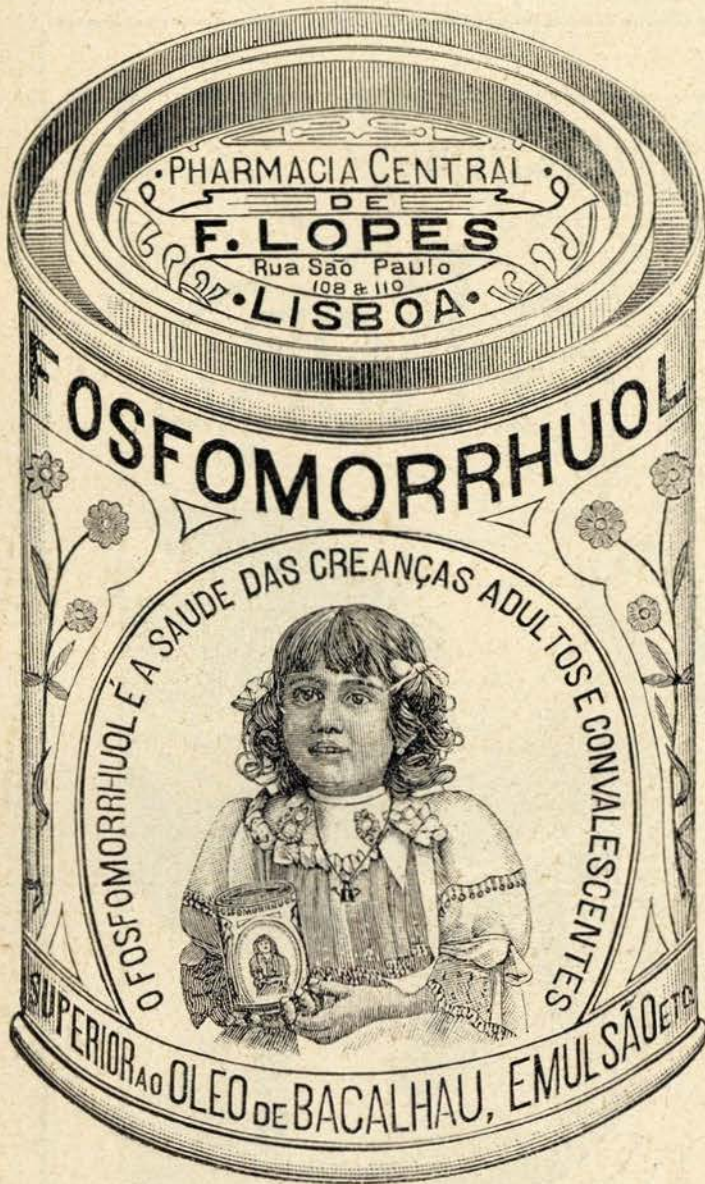
14 bis BOUL' POISSONNIERE

Commendador da ordem de Christo (1894)

| | |
|------------------------|---------|
| Fabricação annual..... | 5:000 |
| Produção até hoje..... | 119:000 |

Exposição Universal de Paris (1900)

Membro do Jury — Hors concours



LAMBERTINI

Representante dos Editores
Franceses

Edições economicas de Ricordi,
Peters, Breitkopf, Litolff, Stein-
gräber, etc.

Partituras de Operas

Antigas e modernas
para piano e para canto

Leitura musical por assignatura

500 réis mensaes

Peçam-se catalogos

PAPEL DE MUSICA FRANCEZ

DE

Superior qualidade

BERLIM—CAROL OTTO—BERLIM

Os pianos de **Carol Otto** são a cordas cruzadas, tres cordas, sete oitavas, armação em ferro, sommeiro em cobre ou ferro dourado, teclado de marfim de primeira qualidade, machinismo de repetição, systema aperfeiçoado.

Exterior elegante — Boa sonoridade — Afinação segura — Construcção solida

BERLIM—CAROL OTTO—BERLIM



Revista publicada quinzenalmente

Proprietario e director

Michel'angelo Lambertini

Redacção e admnistração: P. Restauradores, 43 a 49—Composto e impresso na Typ. do ANNUARIO COMMERCIAL, P. Restauradores, 27

SUMMARIO — Ernest Reyer — O poema do Annel — O novo Metronomo — Bustos de bronze — S. Carlos — Outra guitarra — Concertos — Salomé — Theatro da Trindade — Noticiario — Necrologia — Caixa de Socorro a Musicos Pobres.

Ernest Reyer

Começa mal o anno para a nossa Arte. Ainda ha pouco noticiamos a morte de François Gevaert, o venerando chefe da musica belga: já hoje temos que falar de outro artista illustre, o compositor francez Ernest Reyer, que a morte foi surprehender n'um recanto do Var, onde costumava passar a estação invernos.

Era um d'aquelles raros homens, de quem se pôde igualmente admirar a obra e o character.

Bem sabemos que para muitos bastará amar um livro, um quadro, uma partitura, sem cuidar das qualidades e virtudes do seu auctor. Se a sua arte nos agrada e commove, que importa a personalidade do artista? Esse é o criterio geral, sem duvida; mas se o literato, se o pintor, se o compositor se nos entregarem inteiramente nas respectivas manifestações da sua intellectualidade, se nos mostrarem a sua alma, tal qual é, se nos derem um pedaço d'ella em cada uma das

creações do seu genio, não serão dignos de gratidão superior e de excepcional veneração? Quando não fosse senão pelo quinhão de verdade que nobremente nos offerecem, e pela sinceridade da offerenda, teriam direito a uma consagração especial.

Está n'esse caso o artista que acaba de desaparecer. Quem o conheceu, conheceu a

sua musica; e quem estudou uma só das suas paginas, estudou-o a elle. Não pôde haver semelhança mais completa e mais fiel; de uma flagrante sinceridade na sua existencia e na sua produção, soube como poucos firmar uma identidade absoluta entre a sua individualidade moral e a sua arte. E ninguem como elle soube pôr, em melodias altivas e heroicas, a sua propria vida combativa e rude, essa bella vida ardente de luctadôr e de artista, que em poucos traços vamos resumir.



ERNEST REYER

Nasceu Reyer em Marselha, em 1823, estudando solfêjo na escola communal d'essa mesma cidade. Desdenhando os conservatorios e os mestres officiaes, embarcou, aos 16 annos, para a Argelia, onde esteve, como empregado administrativo, até 1848.

O seu primeiro ensaio d'arte foi uma mis-

sa, que dedicou á duquesa d'Aumale, quando o duque era commandante das tropas coloniaes. Está assignada essa partitura com o seu verdadeiro nome: — Louis-Etienne-Ernest-Rey.

Depois da Revolução, abandonou a burocracia e resolveu tentar fortuna em Paris. Recebeu ahi a hospitalidade de sua tia, Madame Farrenc, notavel pianista, como se sabe, que tomou maternalmente a seu cargo a educação artistica do moço compositor. D'este duro periodo d'apprendisagem lenta, de trabalho obscuro e hesitante, guardam alguns bibliophilos especimens muito curiosos. Diz-se até que algumas das suas composições d'essa época, que elle julgava ter destruido, e que mais tarde lhe appareceram debaixo dos olhos, o fizeram saltar em mal contida furia. No entanto, já poeta, não tardou em ligar-se por solido affecto e estreita comunidade de sentimentos, com esse outro grande poeta: Theophilo Gautier. Das vivas impressões de adolescente, que no coração e no espirito lhe transbordavam, deixou uma profunda marca na pittoresca partitura do *Selam*, cantada em 1850 na Sala Ventadour, e que, apesar de lembrar em certas harmonias exoticas e em rythmos de pura proveniencia oriental o *Deserto* de Filicien David, presagiavam já por forma iniludivel o colorista quente e vigoroso, o audaz e vibrante creador da *Salammbó* e do *Sigurd*.

A sua collaboração com Gautier não se pôde considerar interrompida com o doce *Wolfram*, exhibido no *Théâtre Lyrique* em 1854, pois que, apesar da exclusivo assignatura de Méry, os versos da peça são do libretista do *Selam*, e foi ainda, sob o influxo d'este, que veiu a *Sakountala*, grande bailado que a Opera deu em 1858.

Até ahi, Ernest Reyer parece não ter tido grande motivo para se queixar da sorte. A *Statue* desencadeou, em 1861, no Chatelet, uma tempestade de coleras e de invejas, sem deixar de ter um *succès d'art*.

Por esse tempo, sentindo em si um maravilhoso temperamento de polemista, o fu-

turo herdeiro de Berlioz, no folhetim no *Journal des Débats*, escrevia já no *Moniteur Universel*, na *Presse*, e em outros jornaes, umas criticas, bastante justas e independentes, para lhe acarretarem a malquerença de muitos.

Erostrate foi energicamente recusado pelos emprezarios parisienses e só poude ser ouvido, em 1862, em Baden, graças ao esforço e entusiasmo de Bénazet, director artistico dos espectaculos do Kursaal. Foi n'essa occasião que Napoleão III poz ao peito de Reyer a fita vermelha da Legião.

Continuaram a morder os invejosos e os inuteis e o *Erostrate* só se ouviu em Paris nove annos depois. Empeñhavam-se os mais vergonhosos meios para desacreditar, para arrasar, se possivel fosse, o valente e ousado artista, o que não poude impedir que o Instituto lhe offerecesse um *fauteuil*, pela morte de Félicien David.

Passou Ernest Reyer *treze* annos da sua vida na expectativa, sempre baldada, de vêr representar o seu *Sigurd* na Opera de Paris; Halanzier, que dirigia os

destinos da Academia Nacional de Musica, considerou sempre essa obra inaceitavel e inexecutavel. Por fim o entusiasmo suscitado pela bella opera na *Monnaie*, de Bruxellas, decidiu os directores Ritt e Gailhard a abrirem-lhe as portas do... templo.

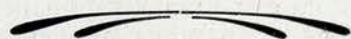
Podia ter Reyer aproveitado este momento especial para impôr a *Salammbó*, outra das suas obras primas; não o fez comtudo e reservou lhe as primicias para os seus amigos da Belgica.

Com a cantata *Victoire* e poucas mais composições de musica vocal, está, cremos nós, feito o apanhamento da bagagem artistica d'este compositor, tão inspirado quanto austero.

Ha muito que Ernest Reyer depuzera a penna de compositor e a penna de critico. Como sabio e como philosopho, teve o criterioso dom de saber parar a tempo.



UMA SCENA DE «LA STATUE»



O poema do "Annel"

II

SIEGFRIED

Depois da morte de Siegmundo, Sieglinda, occulta n'uma floresta selvatica, deu á luz um filho e morreu confiando-o ao Nibelungo Mimo, a quem Alberich, o primeiro possuidor do annel, obrigara em tempos a forjar o ouro milagroso.

O disforme anão educou na sua caverna o descendente dos deuses; não por devotamento, mas com o unico intuito de se servir d'elle mais tarde, para conquistar esse ouro, que era objecto de geral cubiça.

Siegfried é agora um bello adolescente, impetuoso e indomavel, cujos instinctos heroicos o fazem sonhar a conquista do mundo. Reina na floresta, como um senhor absoluto: a alegre fanfarra do seu clarim de prata rima com o canto das aves. Entretem-se em trepar com os cabritos e defrontar-se com as feras. Eil-o que reentra na caverna, a rir como um louco; com grande susto de Mimo, arrasta consigo um urso negro, que acaba de captivar.

Mas esses divertimentos e essas luctas já o não satisfazem. E' com impaciencia que interroga o anão sobre o mundo, para elle desconhecido: quer fugir, sahir da floresta e nunca mais voltar. Mimo mostra-lhe então os fragmentos da espada, que o raio despedaçara nas mãos de seu pae, e que Sieglinda lhe legara, como a mais preciosa das heranças.

Apodera se Sigfried d'esses fragmentos d'aço, accende a forja e deita no cadinho os pedaços da milagrosa arma. Depois empunhando o martello, forja de novo a espada de Wotan, entoando um hymno de triumpho. Brandindo a ainda fumante, fende em duas a bigorna, já inutil.

Mimo guia então o joven heroe para a parte mais sombria da floresta, junto d'um antro, onde o gigante Fafner, transformado em dragão, guarda o ouro arrancado ao Nibelungo.

Siegfried, rindo e escarnecendo do seu aspecto repellente, combate o monstro e mata-o. Desdenha comtudo o thesouro; guarda sómente o annel, cujo poder desconhece, e um capacete magico, que permite ao seu possuidor revestir todas as formas.

Estende-se o joven languidamente ao pé de uma arvore e põe-se a escutar os mil murmurios da floresta. Perturba-lhe o coração um novo desejo. Emquanto as aves voam aos

pares, elle está solitario no meio de um bosque! Pensa em sua mãe, na companheira do homem, n'esse ente mysterioso, que nunca viu e que por completo desconhece.

O canto de uma ave, que lhe passa sobre a cabeça, acaba por attrahir-lhe a attenção: julga comprehender o sentido d'esse canto... porque a ave fala-lhe, com effeito. Não incarnará ella a alma de sua mãe?

— Ouve, Siegfried, diz ella, possues agora o thesouro e podes conquistar, tambem, a mais bella das mulheres. Dorme ella sobre um alto rochedo, rodeada de chammás; mas se tu ousasses affrontalas, pertencerte-hia a virgem guerreira.

E Siegfried, cheio d'enthusiasmo, segue a direcção que o vôo da ave lhe mostra, como que a guial-o para a noiva divina.

No 3.º acto tornamos a encontrar Wotan. Debruçado na borda de um abismo, invoca, cheio d'angustia, a medonha Erda, a pallida deusa que conhece os destinos do mundo; quer interrogal-a ainda sobre essa queda dos deuses, que ella annunciara. A essa voz soberana acorda a vidente, que lentamente se eleva do abysmo, com os olhos semi-cerrados e toda envolta em mysteriosa luz.

Mas nada mais póde dizer a Wotan. O seu fim é inevitavel. Como que submersos na sua propria obra, os deuses hão-de ceder o passo á humanidade.

— Pois bem, exclama Wotan, sem duvida cançado da sua divindade, é a esse fim que eu aspiro!

Mas quando Siegfried, saltando de rochedo em rochedo, com os olhos fitos no seu guia alado, passa junto de Wotan, este procura impedir-lhe o caminho; mas o heroe destemido e livre quebra-lhe a lança, com um só golpe d'essa espada milagrosa, que elle sósinho forjara.

Precipita-se em seguida, cheio de alegria, para a muralha de fogo, que heroicamente atravessa e contemplando finalmente, em supersticioso terror, a amazona adormecida na sua couraça de prata, acorda-a com um beijo fremente d'amôr.

O CREPUSCULO DOS DEUSES

Na sombra negra d'um freixo tão velho como o mundo, as tres nornas estão fiando e tecendo os destinos dos homens. O seu frio olhar mergulha no futuro, não vendo n'elle senão miseria e maldição; passam de uma para outra a corda que estão tecendo sem cessar, desde que o mundo é mundo.

Mas quebra-se a corda de repente e as sombrias fiandeiras, tomadas de terrôr, fogem para as entranhas da terra, a buscar auxilio e refugio junto da velha Erda.

Nasce o dia então. Siegfried e Brunhilde, amorosamente enlaçados, saem da gruta mysteriosa que acolheu a sua ventura. A deusa despojou-se da sua divindade em favor do bem amado; desvendou-lhe os mysterios das sagradas runas, a sciencia dos deuses, mas parece-lhe agora nada ter dado áquelle que lhe fez conhecer o amôr.

E' preciso que Siegfried a deixe por um tempo, que corra a novas aventuras. E' elle que ha de vestir agora a armadura da Walkiria, galopando no feroz corcel, que outr'ora voava com a tempestade. Antes de afastar-se, o heroe dá a Brunhilde o anel de ouro, como penhor de fidelidade e separam-se depois de se haverem jurado um amôr eterno.

Na sua corrida aventurosa pelo mundo, chega Siegfried á moradia de Gonther, chefe poderoso nas margens do Rheno. Com este guerreiro habita Gutrana, sua encantadôra irmã, e o sinistro Hagen, que o Nibelungo Alberich engendrara de uma mulher, seduzida pelo seu ouro.

O anão legara a seu filho um odio mortal pelos descendentes dos deuses e encarregara-o de reconquistar o anel todo-poderoso. Hagen está urdindo a perda de Siegfried, quando este entra com a sua impetuosidade juvenil, gritando para Gonther:

— Lucta comigo, ou sejamos amigos!

Acolhe-o amigavelmente o chefe, mas, por conselho de Hagen, Gutrana dá-lhe uma bebida funesta que deve turvar-lhe o espirito, a ponto de lhe fazer perder a memoria de tudo.

Os olhos seductores da joven acabam de o embriagar, a ponto d'esquecer Brunhilde e o seu amôr; avassalado por uma nova paixão, pede em casamento a formosa Gutrana.

— Dá-lh'a, segreda Hagen a Gonther, com a condição que elle vá conquistar para ti a mulher maravilhosa, que jaz adormecida no meio das chammas.

O nome de Brunhilde nada consegue acordar na alma do desvairado Siegfried. Decerto, irá sem demora conquistar essa mulher para o seu irmão d'armas. E parte, na impaciencia de voltar.

Não tarda que a infeliz Walkiria seja arrastada á presença de Gonther. Vem tão humilhada, como estupefacta; Siegfried depois de lhe ter arrancado o anel, symbolo da ternura e da constancia, entregou-a a um desconhecido e corre para os braços de outra mulher.

O amôr, sublime e absoluto, da filha dos deuses, transmuda-se em colera terrivel, na presença d'esta traição. Siegfried é votado á morte, pois só pela morte poderá a infeliz Brunhilde reconquistar o radiante heroe, a quem tudo sacrificara.

E' ferido traiçoeiramente na caça que elle deve morrer. Emergem das ondas as filhas do Rheno para lh'o predizer e pedir-lhe o anel, que Siegfried se recusa a restituir.

Emquanto está contando aos companheiros as aventuras da sua vida e que pouco a pouco reata o fio das suas recordações, é ferido traiçoeiramente pela lança de Hagen. Cae o heroe, encontrando finalmente nos labios o nome de Brunhilde.

Os guerreiros consternados deitam Siegfried sobre o seu proprio escudo, e levam-o lentamente, banhado pelo luar que desponta.

Na ultima scena, sob o grosseiro portico da moradia de Gonther, uma multidão lamentosa traz á luz de sinistras tochas o cadaver de Siegfried e junta os seus queixumes ao surdo murmurio do Rheno, que rola ao fundo as suas ondas negras.

Gutrana lança gritos desesperados; mas Brunhilde, que avança solememente, faz calar esses clamôres.

— Não ouvi ainda senão um choro de creanças, que chamam pela mãe: nem uma só queixa digna d'um heroe.

Ordena então que se erga uma vasta fogueira e, depois de accesa e estendido n'ella o corpo de Siegfried, contempla-o com indizível emoção e retira-lhe do dedo o fatidico anel, causadôr de todas as desgraças.

— O soffrimento fez-me sagaz, diz ella. Os que deviam apagar a falta dos deuses estavam de antemão votados á desventura e á morte. Seja o nosso sacrificio que ponha termo á maldição: que o fogo purifique o anel e as ondas o dissolvam para sempre! Está proximo o fim dos deuses. Mas se deixo o mundo sem senhor, lego aos homens o mais sublime thesouro do meu saber. Ouçam-me todos: não é o ouro, nem o esplendor divino, nem o poder supremo que nos dão a felicidade. Só o amôr nos dá a ventura, tanto na alegria como no soffrimento.

Depois ordena que lhe tragam o seu cavallo de Walkiria, e, saltando sobre a sella, precipita-se de um só arranco para a fornalha.

O Rheno transborda então tumultuariamente e vem dispersar as cinzas da pira. As filhas do Rheno apoderam-se alegremente do anel reconquistado, emquanto Hagen, perseguido-o tambem, é arrastado para o abysmo.

Lá nas alturas, á luz do crepusculo, desmorona-se o Walhalha e desaparecem os deuses.



O novo Metronomo

Não é nova a ideia de utilizar as propriedades do pendulo para a indicação dos *tempos* musicaes.

N'uma obra d'Etienne Loulié, *Elémens ou principes de musique mis dans un nouvel ordre* (Paris 1696, Amsterdam 1698) já se fala d'um *chronometro*, cujo funcionamento dependia de uma bola suspensa a uma corda graduada. Depois d'isso, Sauveur (*Memorias da Academia Franceza*, 1700 a 1711), Embayg (*Mémoires des Sciences*, 1732), Gabory (*Manuel utile et curieux sur la mesure du tems*, 1771), John Harrison (Londres, 1775) e Davaux (*Journal Encyclopédique*, 1784) voltaram a occupar-se de aparelhos chronometricos baseados no mesmo principio.

O berlinez Abel Burja, em 1790, consagrou um relatorio a um engenhoso systeme de Pelletier para a medição do tempo por meio de um pendulo. Em 1813, Gottfried Weber propoz a adopção de um pendulo d'algibeira, constituido unicamente por uma bola e um cordão dividido por meio de nós, o que era já um aperfeiçoamento sobre os antigos aparelhos, ou pelo menos uma simplificação de incontestavel vantagem pratica.

Nenhuma d'estas invenções teve contudo um exito durador; o principal obstaculo foi sempre a necessidade, para o balanço isochrono em cada segundo, de ter uma corda que medisse *um metro* de comprimento entre o ponto de suspensão e o peso oscillante. Para obter as oscillações lentas do pendulo sem alongar o cordão, um engenhoso e habil hollandez, de nome Winckel, lembrou-se em 1812 de utilizar as oscillações em torno d'um ponto fixo d'uma haste metallica, munida de um contrapeso e d'um regulador e posta em movimento por um systema de rodas dentadas. Estava encontrado o metronomo, tal como ha quasi um seculo o vimos empregando.

Alongariamos demasiado este artigo se pretendessemos narrar, em todos os seus promenores, a espoliação de que o pobre Winckel foi victima, por parte do injustamente celebre Maelzel, que tirou patente em seu favôr e, a partir de 1816, assumiu dolosamente a venda exclusiva do novo aparelho. Só demasiado tarde se poudo provar que a unica contribuição de Maelzel n'esse interessante invento residia na gradação numerica da haste metallica.

Certo é que o metronomo de Maelzel, como é geralmente conhecido, ou o metronomo de Winckel, como lhe deveriamos

chamar, tem rendido importantes serviços á nossa arte. Mas a complexidade cada vez maior da rythmica musical, a *recherche* de effeitos novos, pittorescos ou dramaticos, em que as fluctuações de movimento são elementos primordiaes, a verdade na expressão, e por fim a sêde de perfeição, de exactidão, que caracteriza o momento actual, estão longe de satisfazer-se com as indicações approximativas do aparelho antigo e reclamam para este interessante accessorio dos estudos musicaes o seu quinhão de progresso.

Os principaes defeitos do metronomo, chamado de Maelzel, residem na lastimavel aproximação dos movimentos obtidos, por-

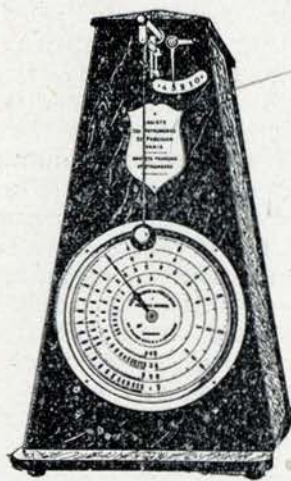
quanto é raro que dois instrumentos d'esse systema produzam o mesmo numero de oscillações por minuto; nas alterações do isochronismo das oscillações ao sabôr da maior ou menor força da molla motriz; na divisão rudimentar da regua graduada, que não permite subdivisões entre os seus numeros empiricamente estabelecidos.

Esses defeitos, para não falar se-

não dos principaes, são mais que bastantes para indispôr o compositor desejoso de defender a sua obra das fantasias e arbitrios dos directores d'orchestra, dos cantores, dos executantes em geral. Julio Massenet, que tem por costume apostillar e commentar a sua propria musica com as mais variadas e engenhosas indicações, recommenda na sua partitura da *Ariana* que se empregue um metronomo *novo*, para evitar as probabilidades d'erro a que pôde estar sujeito um aparelho já damnificado pelo uso.

Saint-Saëns, em uma nota communicada á Academia das Sciencias, em 1886, allude á insufficiencia das indicações do metronomo usual, preconizando a creação d'um padrão chronometrico «*rendu nécessaire par les défauts des appareils offerts dans le commerce*».

Na Exposição de Paris de 1900, o Congresso universal de musica empregou varias sessões em discutir o importante assumpto da regulamentação e unificação das indicações



O novo Metronomo

metronomicas. Pronunciou-se um verdadeiro requisitorio contra o metronomo de Maelzel, e propoz-se, como o unico racional, o emprego do pendulo.

Baseado n'esse simples principio imaginou-se o metronomo de precisão, que hoje apresentamos aos nossos leitores, e que, apesar de lançado ha bem pouco tempo no commercio, conquistou já entre os artistas um completo exito. E' formado por uma pyramide rectangular de 30 centimetros d'alto, com um mostradôr tendo 4 circulos concentricos numerados. No centro do mostradôr move-se um ponteiro accionado por um botão que se encontra na parte posterior do apparelho; esse ponteiro é solidario com o fio do pendulo, de modo a graduar a velocidade das oscillações. O ponto de suspensão do pendulo é formado por uma especie de esquadro, movido por um systema de relojoaria e destinado a manter uniforme a amplitude dos movimentos do mesmo pendulo.

Na parte superior do metronomo ha uma flecha, que se move sobre um sectôr numerado de 0 a 4, e que, correspondendo a um pequeno martello metallico collocado no interior do apparelho, lhe permite produzir um estalido secco semelhante ao do antigo metronomo, podendo á vontade concordal'o com todas as oscillações, ou só com uma para duas, para tres ou para quatro. Collocada a flecha no 0 supprime-se a acção do pequeno martello e o metronomo torna-se quasi mudo.

Não é difficil de comprehender o funcionamento do apparelho. Ao pendulo imprime-se com a mão um ligeiro impulso, collocando-se, pela forma já dita, o ponteiro no numero indicado pelo compositor, 30 para o movimento mais vagaroso e assim successivamente até 360, que é o mais rapido de todos. Cada um dos circulos numericos que figuram no mostradôr corresponde a uma das posições da flecha sobre o sectôr; assim, se o numero escolhido se encontrar no circulo 3, poremos a flecha no numero 3 do sectôr, obtendo assim não só o valôr metronomico do compasso (n'esse caso ternario) como ainda a sua sub-divisão em tempos. Inutil é dizer-se que todos os movimentos e divisões estão previstas e mathematicamente reproduzidas.

Estamos portanto em presença de um apparelho que convem admiravelmente ao fim proposto e cujas vantagens são numerosas. Apontaremos por exemplo o character permanente de rectidão do movimento oscillatorio, que o uso não póde de modo algum alterar, porquanto o systema de relojoaria, que é aliás muito simples, não actua sobre o balanço do pendulo, que é posto em mo-

vimento *com a mão*, como já dissemos, mas serve simplesmente para manter a uniformidade da oscillação, por uma acção intermitente e muito curta.

A obrigação de empregar a subdivisão nos movimentos lentos (circulos 2, 3 e 4) é uma vantagem e não um defeito. De facto na pratica, as indicações de 40 ou 50 dão sempre margem a uma interpretação vaga, e é por isso que muitos compositôres preferem *decompôr os tempos*, para obter dos seus interpretes maior precisão de compasso. Com o novo metronomo, se seguimos a indicação de 40 ou 50 para um compasso inteiro, por exemplo, lá temos o metronomo a subdividir nitidamente o compasso em 2, 3 ou 4 tempos.

Para o compositor que queira investigar um movimento ainda não determinado, este metronomo é um precioso auxilio. Procedendo por tentativas por meio do botão que faz mover o ponteiro, e *sem fazer parar o pendulo*, facilmente se obterá a medida que se pretende.

Emfim, apesar da absoluta regularidade do systema, se o comprimento do cordão por qualquer modo se alterasse, falseando assim o numero de oscillações previstas por minuto, poderia facilmente regular-se por meio de um parafuso que se vê na parte inferior da bolá metallica, e, com o auxilio de um relógio de segundos, acertar o movimento do pendulo.

Entre nós este apparelho, que poderemos sem hesitação classificar de *Metronomo Normal*, ainda não está divulgado no mercado. Julgamos por isso prestar serviço ás pessoas desejosas de o possuir, encarregando-nos, n'um exclusivo interesse d'arte, de quaesquer encomendas que nos queiram confiar e que muito gostosamente desempenharemos.



Bustos de bronze

O busto-mascara de Cesar Franck que publicámos em um dos ultimos numeros pareceu interessante a alguns leitores d'esta revista, que nos pediram informações sobre o editor, etc. Por isso, não julgamos fóra de proposito reproduzir aqui a collecção das quatro mascaras de artistas celebres, que o escultor Jouant tão expressivamente cinzelou ha pouco, e que são já disputadas entre os amadores d'objectos d'arte.

Editou-as o reputado *bronzier* parisiense Blot, que amavelmente nos auctorizou a reproducção.



BEETHOVEN



CHOPIN



FRANCK



WAGNER



No dia 15 do corrente foi cantado o *Rigoletto*, tendo por interpretes a soprano sr.^a Nevada, a meio soprano sr.^a Tina de Angelo, o tenor Carpi, o baritono Nani e o baixo Cirotto.

O desempenho não foi dos mais felizes. A soprano ligeiro sr.^a Nevada não está no *Rigoletto* tanto á vontade como no *Barbeiro*. Um certo receio e uma tal ou qual indecisão fazem-nos acreditar que só agora cantou em publico a parte de Gilda. Na difficil aria *Caro nome* e no quarteto final mais uma vez mostrou que com esmero se dedicou á arte de canto, mas a sua voz está ali muito comprometida pela falta de sonoridade.

A sr.^a Tina de Angelo, apesar da sua boa vontade, tambem não tem voz com o preciso volume de som para bem se desempenhar da parte de Magdalena.

O tenor Carpi disse bem a *ballata* do primeiro acto e poderia ser aplaudido na canção de *la donna é mobile*, se não praticasse uns quantos abusos para mostrar que tem longas respirações. Nós já o sabemos. Quem conhece alguma coisa da arte de canto já reparou nisso. O sr. Carpi podia muito bem evitar o mau gôsto de retardar algumas frases, deixar de fazer longas suspensões em notas que para isso se prestam e eliminar mesmo a intempestiva cadencia do final da canção. Houve tenores de subida cotação

que faziam essa cadencia? Bem sabemos que sim. Mas faziam-na quando o publico pedia para ser bizada a canção. Era uma variante. E ainda assim sem os pretenciosos retardos que tiram á canção o seu character alegre e ligeiro.

Temos o sr. Carpi em subida conta como tenor lirico que muito se dedicou aos estudos de vocalização, o que hoje é muito raro nos artistas modernos. Isto nos leva a sentir que pratique uns tantos abusos que são censuraveis e que o impedem de obter os applausos a que tem jus.

O baritono Nani tem no *Rigoletto* um trabalho digno de nota e mesmo de aplauso, embora não possa fazer esquecer artistas que do papel dramatico fizeram interessantes creações. Quando nos referimos ao desempenho da *Aida* falamos do sr. Nani com elogio. Mas no *Trovador* e no *Rigoletto* ha exigencias de vocalização para as quaes se não preparou convenientemente, o que muito é para sentir, porque o sr. Nani tem voz de béla tuba sonora, vibrante e de timbre agradável. Sob esse ponto de vista é mesmo dos melhores artistas que ultimamente



ENRICO NANI

temos ouvido em S. Carlos. A oscilação que se lhe nota, o que num homem novo é indicio de viciosa empostação, estamos certos que seria modificada com os exercicios de vocalização.

Que diremos do infeliz desempenho da *Lucia* em 21 do corrente? A sr.^a Pepita Sanz não tem voz nem a precisa correcção artistica para entrar no elenco do nosso theatro lirico.

O tenor Carpi, se em alguns trechos da *Lucia*, como na aria final, se tornou digno de aplauso, não pôde arcar com lances dramaticos, como o da maldição, que exige recursos vocaes de outra ordem.

E continúa a deficiência dos artistas cantores em S. Carlos. Bom será que esta situação se não prolongue muito.

No *Trovador*, a 23 do corrente, tomou parte o tenor Rosanoff, que no dia 12 tinha debutado no *Sansão*. E' um fraco tenor que difficilmente se poderá sustentar em S. Carlos e que na noite do *Trovador* teve iminente um desastre.

Teem sido realizadas umas *recitas populares* com o *Barbeiro* e a *Aida*, mas pelos preços da assignatura. Para hoje, e com a infeliz *Lucia*, está annunciada a verdadeira primeira recita popular, para satisfazer á condição 6.ª a que a Empresa teatral limitada se obrigou, com «preços reduzidos a metade dos da assinatura da época lirica italiana».

Impressiona muito desagradavelmente ver reduzido a 500 réis o preço de uma cadeira em S. Carlos. Isto, a par da má qualidade da quase totalidade dos artistas que durante a presente época lirica se teem exibido em S. Carlos, dá-nos a impressão de que o nosso teatro lirico desceu de categoria.

Para escola educativa das massas populares não está a *Lucia* em condições de ser apresentada como modelo de bom desempenho. Bem pelo contrario. Se com aquélla condição 6.ª ia uma intenção educativa, seria mais sensato adiar por agora a realização de taes recitas e reservar para elas alguma opera regularmente cantada. A empresa obrigou-se a dar, pelo menos, duas d'aquellas recitas. Tem tempo para fazer melhor selecção.

28 de janeiro.

ESTEVES LISBOA.



Outra guitarra

Musica da Revista A. B. C.

Guitarra!... aqui! quem te trouxe junto de mim?! Talvez fosse a saudade dos meus ais!... saudade pelo futuro d'este amor! aqui t'ô juro! que vae contigo... onde vaes...

Guitarra!... vae... continua... que no ceu vae alta a lua... ella te escuta a chorar as lagrimas luminosas, que as minhas faces mimosas veem de amor desbotar.

Guitarra! eu sinto, bem vejo que tu me trazes um beijo da bocca do meu amor!... o beijo da despedida!... em que me tiras a vida, deixando-me eterna dôr...

Guitarra!... no meu enterro, harpeja um nome, sem erro, unico nome que diz, no seu encanto, a memoria, que me deixou, merencoria, do meu amor infeliz!...

Outubro de 1908.

ANNES BAGANHA.



Pertence a primasia da data á sessão musical do *Orpheon Portuense*, effectuada em 18 do corrente para apresentação do violonista Emilio Mendels.

Só conhecemos o programma, onde aliás não vêmos nada de verdadeiramente novo — uma *Sonata* de Beethoven, e pequenas peças de Saint-Saëns, Beethoven, Bach, Faure, Paganini e Sarasate, todas mais ou menos conhecidas.

Ao piano d'acompanhamento esteve o distincto professor Moreira de Sá.

*

Em favôr do Hospital D. Manuel II e na Sala Gil Vicente, do Porto, organisou a conceituada professora de canto, M.^{ma} Sola Conde, um attrahente concerto na noite de 23.

*

Em 24 promoveram os srs. Somers Cocks, Pedro Blanch e Rey Colaço uma interessante festa no salão da *Illustração Portuguesa*, fazendo reverter o producto em favôr das creanças patrocinadas pelo *Seculo*.

Os elementos musicaes que compunham a *matinée* são já por tal forma conhecidos e apreciados, na sua grande maioria, que basta por assim dizer a menção dos nomes dos executantes, para se ajuizar do interesse em todos despertado per esse bello concerto. Cantou a sr.^a D. Candida da N. Monteiro Kendall as arias do *Werther* e do *Samson*

et Dalila, e, muito especialmente esta ultima, por forma a fascinar o auditorio e a fascinar o duplamente pelo primôr da interpretação e pela gentileza da interprete. Se acrescentarmos que Madame Kendall dispõe de uma voz extensa, malleavel, egualissima em todos os registros e com um timbre de velludo, daremos uma ideia, ainda que pallida, do triumpho obtido pela illustre amadôra-artista.

Tocaram piano a solo as sr.^{as} D. Judith Luisello Fernandes e D. Henriqueta D'Korth. Da primeira d'estas senhoras, temos já falando aqui por vezes e sempre com o merecido elogio; apraz-nos comtudo repetir que somos um dos mais estrênuos e sinceros admiradores do seu talento, que raro o temos encontrado tão expontaneo, tão vibratil e tão suggestivo. Quanto a Mademoiselle D'Korth, que pela primeira vez tinhamos a fortuna de ouvir, fez-nos a melhor das impressões; é uma joven pianista, de largo e sorridente futuro, pois que além das qualidades de comprehensão e de acertada technica, que ostentou nas peças de Chopin e Schubert, inpeccavelmente executadas a solo, denotou rarissimos dotes de musicalidade na *Sonata* de Grieg que com Pedro Blanch teve occasião de apresentar logo no principio do concerto. E essa foi a pedra de toque por onde ajuizámos desde logo do seu valôr e da modelar educação artistica que lhe tem sido ministrada.

Dispensamo-nos de fazer referencias especiaes aos promotores do concerto, personalidades assaz conhecidas e apreciadas, na sua altura, por todos os nossos leitores. Bastará que digamos que Colaço, Blanch e Cocks completaram o programma por forma a suscitar um applauso unanime e largamente justificado.

*

A favor do seu cofre e para desenvolvimento das suas aulas, realisou em 28 a *Real Academia de Amadores* um bello e variado concerto no salão do Conservatorio.

Dirigiram a orchestra os srs. Jorge Wendling e Marquez de Borba, na abertura do *Coriolano*, pela primeira vez executada em Lisboa, *Primeira symphonia* de Beethoven, *Novelletes* de Gade, bailados do *Fausto* e *Marcha* de Kretschmer, notando-se na maioria d'essas obras bastantes progressos, tanto na afinação dos diversos naipes, como na fusão das sonoridades e observancia das indicações expressivas.

São tambem dignos de louvor os srs. Jorge Wendling, nas peças de violino que executou, D. Adelaide de Victoria Pereira, em varias romanças e D. Hilda King nos trechos de

harpa que lhe couberam no programma e que executou, como sempre, primorosamente.

*

Hontem, 30, teve logar o segundo concerto organizado n'esta epoca pela *Sociedade de Musica de Camara*. Figuraram no programma os quartetos de Mozart (*sol* menor), Beethoven (5.^o) e Fauré (*dó* menor), sendo este ultimo em primeira audição.

Os interpretes d'esse interessante programma foram os srs. Beneté e Mackee (violinos), Lamas (violeto), Somers Cocks e D. Luiz Menezes (violoncellos) e Lambertini (piano).



SALOMÉ

Constando-nos muito á ultima hora que se prepara a audição d'este tão discutido drama musical para a primeira quinzena de fevereiro em S. Carlos, e fieis ao nosso proposito de fazer conhecer antecipadamente o argumento das operas novas, que ali se cantam, vamos dar um ligeiro e resumido extracto do libretto da famosa obra de Oscar Wilde e Ricardo Strauss.

A acção da *Salomé* desenvolve-se em um unico acto, sendo as figuras principaes o tetrarca Herodes (*tenor*), Herodias, sua mulher (*meio-soprano*), Salomé, filha d'Herodias (*soprano*), o propheta Jokanaan (*barrytono*), Narraboth (*tenor*) e o pagem d'Herodias (*contralto*). A scena passa-se em Jerusalem, no palacio do terraço d'Herodes, que communica com uma sala onde se está realisando um festim. A' esquerda do terraço ha uma cisterna murada, onde por ordem d'Herodes, se encontra captivo o propheta.

Conversam e discutem os soldados e pagens que guardam o palacio e de quando em quando ouve-se a voz de Jokanaan (S. João Baptista) que prophetisa a vinda do filho do Homem. Narraboth, o capitão das guardas, allude á belleza de Salomé, sem poder disfarçar a paixão que o domina.

Sae a filha d'Herodes da sala do festim, para respirar o ar puro da noite e subtrahir-se aos olhares insistentes do padrasto. Ouve a voz de Jokanaan e ordena que o chamem, ao que os soldados se recusam formalmente.

Cada vez mais perturbada com essa voz e irritada com a recusa, chama Narraboth, que apesar das ordens terminantes do tetrarca, consente por fim em trazer-lhe o propheta.

Vem este á sua presença e traz nos labios toda a sorte de imprecações contra Herodes e contra a impudica Herodias. Salomé aterrada e ao mesmo tempo suggestionada pela voz e pela figura do asceta, exclama:

— Como é magro! Parece uma delgada imagem de marfim. Tenho a certeza que é casto como a lua. Deve ser bem fria a sua carne... fria como o marfim... Quero vê-lo de perto.

Mas Jokanaan ordena-lhe que se vá, pois não é a ella que quer fallar. Que fuja, que cubra o rosto com um veu, que deite cinza sobre a cabeça e vá ao deserto procurar o filho do Homem.

Todos lhe supplicam que saia d'ali, todos receiam uma desgraça. Salomé insiste sempre.

— Jokanaan! Estou enamorada do teu corpo, Jokanaan. O teu corpo é branco como o lyrio do prado, como a neve das montanhas da Judeia. Deixa-me tocar o teu corpo...

Mas o propheta não quer ouvir-a, não pôde ouvir senão as palavras do Senhor.

— O teu corpo é repellente, diz agora Salomé. E' como o corpo d'um leproso. E' um muro de cal, onde as viboras passaram e onde os escorpiões fizeram ninho. E' horrivel o teu corpo! E' dos teus cabellos que eu estou apaixonada, Jokanaan. Parecem cachos d'uvas os teus cabellos, uvas pretas das vinhas do Edom. As longas noites negras, em que a lua não apparece e em que as estrellas teem medo, não são tão negras como os teus cabellos. Deixa-m'os tocar, Jokanaan.

— Filha de Sodoma, não me toques. E' preciso não profanar o templo do Senhor Deus.

— São nojentos os teus cabellos! Estão cobertos de lama e pó e parecem uma corôa de espinhos ou um nó de serpentes negras. E' a tua bocca que eu amo, Jokanaan. Essa bocca é como uma bandeira escarlata n'uma torre de marfim. E' mais vermelha que as flôres de granada dos jardins de Tyro. Não ha nada tão vermelho como ella. Deixa-me beijar a tua bocca, Jokanaan.

E Narraboth vendo a loucura amorosa da filha d'Herodias, mata-se e vae lhe cahir aos pés.

— Filha do adulterio, diz-lhe Jokanaan, só um homem te pôde salvar. Vae procural-o, ajoelha-te aos seus pés e pede-lhe o perdão dos teus peccados.

— Hei-de beijar a tua bocca, Jokanaan.

— Nem olharei para ti. E's maldita, Salomé, és maldita.

E volta para a cisterna.

Herodes e sua mulher abandonam o festim e veem em busca de Salomé. Mas o tetrarca não pôde occultar o amor que nutre por esta.

— Vem beber um pouco de vinho commigo, Salomé. E' um licôr soberbo, foi Cesar quem m'o mandou. Molha n'essa taça os teus pequenos labios vermelhos, para que eu beba depois.

— Não tenho sede, tetrarca.

— Tragam fructos. Vem comer fructos commigo, Salomé. Gosto bem de vêr n'um fructo a mordedura dos teus dentes pequeninos...

— Não tenho fome, tetrarca.

— Salomé, vem sentar-te junto a mim. Dar-te-hei o throno de tua mãe.

— Não estou fatigada, tetrarca.

Novamente se ouve a voz do propheta imprecando e amaldiçoando, o que irrita sobremaneira a mulher d'Herodes. A proposito de Jokanaan, trocam-se então entre Herodias e seu marido e entre os judeus e nazarenos que com elles tinham assistido ao festim, acalorados dialogos, em que se discute a personalidade do propheta, enquanto este lança toda a casta de maldições sobre a impudica mãe de Salomé.

Por fim, Herodes, olhando novamente para esta, exclama.

— Salomé, danza para mim.

— Não tenho vontade alguma de dansar, tetrarca.

— Salomé, Salomé, danza para mim. Estou triste esta noute e supplico-te que dances. Se dansares, dar-te-hei tudo o que me peças.

— Dar-me-has tudo o que eu pedir, tetrarca? diz Salomé, erguendo-se.

— Tudo, tudo o que quizeres, ainda que seja a metade do meu reino.

— Juras, tetrarca?

— Juro, Salomé.

E a voz de Jokanaan continúa a ouvir-se, cheia de terriveis maldições.

Salomé executa então uma dança languida, e depois de ter parado como que em extase á borda da cisterna, onde está o prisioneiro, precipita se aos pés de Herodes.

— E' magnifico, é magnifico, diz este. Aproxima-te, Salomé, que te dê o salario prometido. O que queres tu, Salomé, o que pedes?

— Agora, n'uma bacia de prata...

— N'uma bacia de prata... tem graça. O que queres tu querer n'uma bacia de prata, querida e linda Salomé, tu que és a mais bella de todas as raparigas da Judeia? Dar-te-hei tudo o que tu quizeres, n'uma bacia de prata; os meus thesouros pertencem-te. O que queres tu então, n'uma bacia de prata?

— A cabeça de Jokanaan.

— Isso não, Salomé. Não me peças isso. E' preciso não escutar os maus conselhos da tua mãe.

— Não falo por minha mãe. E' por meu

prazer que peço a cabeça de Jokanaan n'uma bacia de prata. Não esqueças que juraste, Herodes.

— Bem sei, jurei pelos meus deuses, mas pede-me outra cousa, Salomé. Pede-me a metade do meu reino, mas não me peças isso.

— E' a cabeça de Jokanaan que te peço.

— Não, não quero.

— Juraste, Herodes.

— Não me peças isso. A cabeça d'um homem decapitado é uma cousa feia. Escutame. Tenho uma esmeralda, que é a maior esmeralda do mundo. Pede-m'a e dar-t'a-hei; essa grande esmeralda.

— O que eu quero é a cabeça de Jokanaan.

— Mas ouve-me, deixa-me falar, Salomé!

— A cabeça de Jokanaan.

— Tenho joias sem preço. Tenho um collar de perolas de quatro voltas. Tenho topázios amarellos como olhos de tigres, topázios rosas como olhos de pombos, topázios verdes como olhos de gatos. Tenho sardonias e calcedonias nunca vistas. Tenho n'um cofre de nacar tres turquezas maravilhosas. Dar-te-hei tudo o que quizeres, Salomé! Dar-te-hei o manto do grande sacerdote, dar-te-hei o veu do sanctuario. Dar-te-hei tudo o que me peças, menos uma cousa; dar-te-hei tudo o que possuo, menos uma vida.

— Dá-me a cabeça de Jokanaan.

Por fim, Herodes, rendido e deixando se vencer pelo cansaço e pelo desanimo, ordena que lhe deem o que ella quer.

Apesar da hesitação dos soldados, Salomé consegue que elles desçam á cisterna. Não tarda que lhe tragam a cabeça do propheta, enquanto Herodes occulta o rosto no manto e os Nazarenos se ajoelham a orar.

— Ah! tu não quizeste deixar-me beijar a tua bocca, Jokanaan. Mordel-a-hei com os meus dentes, como se tôra um fructo maduro. Se me tivesses visto, ter-me-hias amado. Tenho sede da tua belleza, tenho fome do teu corpo.

— E' monstruosa a tua filha, diz Herodes.

— Aprovo o que ella fez, responde-lhe Herodias.

— E' a esposa incestuosa que fala! Vem! Não quero ficar mais tempo aqui. Vejo bem que vae succeder uma desgraça e tenho medo.

Uma grande nuvem encobre a lua e as lampadas apagam-se, ficando a scena em quasi completa obscuridade.

Salomé ainda diz, n'um grande abatimento:

— Ah! beije a tua bocca, Jokanaan, beije a tua bocca! E' que sabôr aspero tinham os teus labios! Seria o sabôr do sangue? Dizem que o amôr tambem tem um sabôr

aspero... Que importa, que importa! Beije a tua bocca, Jokanaan, beije a tua bocca!

Um raio da lua cae sobre a infame e vendendo-a, Herodes exclama:

— Matem essa mulher!

E Salomé acaba ás mãos dos soldados.



Somnambula

Quando na noite de 25 nos dirigimos ao theatro da Trindade para ouvirmos a *Somnambula*, estavamos de antemão convencidos que não iriamos assistir a uma execução modelar da obra prima de Bellini, mas a avaliar pelo desempenho das operas que a antecederam, esperavamos que a *Somnambula* não viria obscurecer a louvavel iniciativa da empresa Taveira.

A razão que nos levou a raciocinar d'esta fórma, derivava do escrupuloso cuidado que tem presidido sempre, por parte do distincto maestro Luiz Filgueiras, no apuramento da orchestra e massas coraes, assim como na relativa correcção com que as primeiras partes tem desempenhado as attribuições que lhes são commettidas.

Infelizmente porém, a desillusão não se fez esperar. A *Somnambula* pareceu não merecer ao illustre maestro o mesmo cuidado que o *Barbeiro*, *Bohemia* e *Carmen*, o que facilmente se reconheceu na incerteza da orchestra em toda a opera, na sua falta de afinação, e na pouca gradação de sonoridade dos côros, circumstancia esta que prejudicou o duetto do segundo acto, assim como outros trechos.

Somos os primeiros a reconhecer no maestro Filgueiras qualidades apreciaveis como director d'orchestra, e aqui mesmo lhe temos rendido as homenagens devidas ao seu talento, mas assim como estamos promptos sempre a elogiar quem o mereça, assim nos assiste o direito de censurar, logo que para isso haja motivo.

Como director d'orchestra, cabe ao sr. Filgueiras a responsabilidade de consentir que o sr. Ayres, tenor que debutou na *Somnambula*, se encarregasse da parte de *Elvino*. Necessariamente o distincto maestro teve occasião de observar nos ensaios, que o sr. Ayres não tinha voz, nem educação mu-

sical para arcar com as responsabilidades da sua parte, e teria prestado um assignado serviço á empresa, protestando o debutante.

O sr. Ayres é com effeito um tenor de voz abarytonada, de má emissão e sem agudos. Além d'isso, desconhece por completo a arte a que se destinou, necessitando de aturado estudo e dedicar-se a cantar de barytono, para que possa proseguir na sua carreira.

A sr.^a Fragoso que possui qualidades apreciaveis, agradou-nos menos na opera de Bellini que no *Barbeiro*.

E' inegavel que foi correcta em alguns trechos, mas a preocupação constante de causar effeito no publico com a emissão de notas agudas, prejudicou-lhe o trabalho. O si bemol com que finalisou a aria do primeiro acto, e que só conseguiu emitir por tentativas, causou uma má impressão no publico, que desejaria antes ver essa nota supprimida. Egualmente se deve cohibir d'uns certos exaggeros ao finalisar as phrases, como tivemos occasião de notar no duetto e concertante do segundo acto, e que só encontra admiradores no publico completamente leigo em materia musical.

Não veja a sr.^a Fragoso nas nossas palavras, o intuito de quereremos ser-lhe desagradaveis, pois merece-nos a mais viva sympathia, e desejariamos vel-a progredir na carreira que adoptou, mas para isso torna-se necessario não abandonar o estudo, e diligenciar cirgir-se ás indicações da partitura.

A parte de Rodolfo, que está escripta para um baixo cantante, foi confiada ao sr. Leitão, que possuindo voz de barytono, não póde satisfazer ás exigencias da partitura.

Os artistas encarregados das partes secundarias, desempenharam com acerto os seus respectivos papeis.

A opera está muito bem posta em scena, causando bello effeito o scenario do primeiro acto.

L. C.



Uma peça lyrica é uma extravagancia harmoniosa.

MONTESQUIEU.

*

Nunca pude perceber qual seja a influencia que a musica exerce sobre os costumes, apesar de tanto que se tem apregoado em favor de tal theoria.

C. BEAUQUIER.



PORTUGAL

Annunciou a nossa revista, e annunciaram-os os jornaes diarios, um grande concerto em que a *Schola Cantorum* e a *Grande Orchestra Portugueza*, unidas pelo mesmo sentimento de generosa commiserção, se propunham a levar um modesto quinhão de conforto e de auxilio aos desgraçados de Messina e Reggio.

Não se pode realizar o concerto e bom é que se saibam os motivos.

Apezar das innumeradas difficuldades de um emprehendimento, que exigia o concurso desinteressado de mais de 200 artistas, tiveram os srs. Sarti e Lambertini, respectivos directores das duas collectividades momentaneamente colligadas, larga occasião de apreciar até que ponto vae o altruismo e a generosidade d'este bom povo portuguez, e a sollicitude com que todos accorrem, com sacrificios de dinheiro e de trabalho, quando se trate de os pôr ao serviço de uma obra boa.

Graças ao impulso generoso de Affonso Taveira, cujos raros dotes de coração toda a gente conhece, tiveram desde logo á sua disposição, e sem despezas, a sua bella sala da Trindade.

No pessoal militante da *Schola Cantorum* e da *Orchestra Portugueza*, composto na sua maioria de profissionaes de modestos recursos de fortuna, sacrificadissimos de mal remunerado trabalho, encontraram os promotores do concerto um decisivo apoio e uma devoção, tão unanime quão desinteressada.

Nos elementos individuaes que deviam abrilhantar a festa, e entre os quaes já se contava o grande actor portuguez Eduardo Brazão, tiveram elles uma prompta e generosa adhesão.

Na imprensa diaria, o mais gentil dos acolhimentos.

E, caso não muito vulgar, até do publico se manifestou um tal interesse por este acto de philantropia, que em 48 horas a partir das primeiras noticias publicadas, se encheram listas de requisições, no valôr de cerca de duzentos mil réis.

Mas por uma inconcebivel fatalidade, que mal podemos comprehender e muito menos explicar, foi dos proprios italianos, d'aquelles

mesmo que a mais vulgar diplomacia aconselhava a patrocinar por todos os modos um emprehendimento d'essa ordem, foi d'esses mesmo que partiram as difficuldades e nasceram os attritos.

Só incidentalmente alludiremos aqui á impossibilidade em que se encontraram os srs. Sarti e Lambertini de se collocarem ostensivamente á frente da iniciativa, pelo facto de ser um nascido na Italia e outro naturalizado italiano. Essa impossibilidade foi lhes desde logo notificada, aliás em amaveis termos, pelo sr. Ministro da Italia, e é facil de vêr quanto uma tal defesa os terá embaraçado no seu proposito. E' todavia certo que essa medida protocolar, que parece querer salvaguardar a dignidade da Italia, e que elles aliás nunca intentaram discutir nem desrespeitar, não bastou para os levar a abandonar o projecto.

Fazendo parte da *Orchestra Portuguesa* um grande numero de artistas que estão escripturados na de S. Carlos, era junto da empreza d'este theatro que urgia fazer as necessarias diligencias, para que os ensaios de uma orchestra não prejudicassem os ensaios da outra.

Impossivel foi chegar a um accôrdo n'esse ponto essencial, apezar da boa vontade que parecia animar a referida empreza. Interpoz-se o *posso, quero e mando* de um italiano, de um compatriota dos infelizes da Sicilia e da Calabria, do sr. Leopoldo Mugnone, emfim, que do alto da sua indiscutida omnipotencia, entendeu dever coarctar o proseguimento da iniciativa, oppondo se mais ou menos directamente a que os seus subordinados viessem collaborar no beneficio que aos seus patricios se pretendia fazer. E avançamos que se oppoz, porque outra cousa não é a formal recusa de modificar, em tres unicos dias, o seu horario d'ensaios de modo a satisfazer o pedido, que tão instantemente lhe era feito.

Dado que ainda se não inventou o modo de apresentar uma orchestra symphonica, sem a ensaiar, verão facilmente os nossos leitores o motivo porque não se realisou o projectado concerto.

Acrescentamos ainda, por sabê-lo de boa fonte e correr mesmo com insistencia entre os frequentadores do palco de S. Carlos, que o absorvente maestro diz a cada momento a quem o quer ouvir: «*Dove stá il grrran Leopoldo Mugnone nessuno prende la battuta!*»

E d'esse rasgo de mal contida modestia tem beneficiado o sr. Gaetano Zinetti, que a empreza escripturou como maestro de reconhecida competencia e talento, mas que não tem nem terá nunca a fortuna de se fazer

ouvir em S. Carlos, emquanto lá estiver *il grrran Mugnone!*

Para a historia.

*

Por iniciativa da acreditada casa Sasseti & C.^a e sob a direcção do nosso illustre collaborador Alfredo Pinto (Sacavem) vae fundar-se uma bibliotheca de literatura musical, destinada a vulgarisar os conhecimentos de historia da musica, esthetica, biographia de musicos, etc.

Achamos optima a ideia e acompanha-lahemos com todo o interesse, tanto mais que a modicidade de preços dos volumes (100 a 500 réis cada um) é uma garantia de rapida divulgação.

O primeiro volume a apparecer muito brevemente será *A tetralogia de Wagner*, notas e analyse dos poemas, e será compendiado por Alfredo Sacavem.

*

O exito extraordinario obtido pelo primeiro *Boletim* de musicas *excepcionalmente baratas* animou a nossa casa editora a continuar a publicação d'esses boletins. O segundo é distribuido com este numero e consta de uma excellente escolha de obras para piano, por preços que desafiam toda a concorrencia.

*

Obeve distincção o talentoso violinista Ivo da Cunha e Silva no concurso aberto no Conservatorio Real de Lisboa, para pensionar alumnos no estrangeiro.

Parece que o sympathico artista irá concluir na Belgica a sua educação musical.

*

Esperam-se muito brevemente em Lisboa, onde voltam a fixar residencia, os srs. Cesar Mirés e sua esposa, a qual, como se sabe, se dedicou aqui durante muitos annos ao professorado do canto.

*

Em um dos proximos concertos da *Sociedade de Musica de Camara*, vae ouvir-se pela primeira vez entre nós um dos celebres *Concertos brandeburguezes* de Bach.

Está escolhido e entra brevemente em ensaios o quinto, em *ré* maior, para cravo, flauta e violino, com acompanhamento d'instrumentos de cordas, sendo encarregados das partes principaes os srs. Lambertini, José Henrique dos Santos e D. Francisco Benetó.

São seis as composições orchestraes que João Sebastião Bach dedicou ao *margrave* Christian Ludwig von Brandenburg, e que por esse facto se ficaram chamando *Concertos brandeburguezes*. Considerados no numero das mais sublimes obras primas do famoso cantor, os *Concertos* do *margrave* notabilizam-se pela riqueza d'invenção e frescura juvenil.

Fazem parte do repertorio de todas as grandes sociedades musicas do estrangeiro.

*

Deve realisar-se hoje, 31, em casa do professor Rey Colaço uma conferencia sobre a obra de Wagner, pelo distincto critico d'arte, sr. Jayme Batalha Reis.

*

Está em venda o libretto italiano da *Borghesina*, d'Augusto Machado, peça extrahida pelo conhecido librettista Enrico Golisciani do *Lion amoureux*, de F. Soulié.

*

A multiplicidade dos assumptos d'este numero e a demora que resultaria de um augmento de paginas, para a pontual distribuição da revista, impede-nos, bem a pezar nosso, de dar hoje logar á scintillante allocução proferida por Antonio Arroyo por occasião do terceiro dos concertos historicos tão proficientemente organisados ha pouco pela sr.^a D. Sarah Vieira Marques.

Seguirá pois no proximo numero a conferencia a que nos referimos, e logo immediatamente a de Manuel Ramos, com que fecha a serie.

ESTRANGEIRO

Para solemnisar o centenario de Haydn, está-se realisando em Vienna um cyclo de 5 concertos para a audição integral dos quartetos do mestre.

Se pensarmos que Haydn escreveu 83 quartetos, vem a caber pouco mais ou menos 17 obras em cada concerto! Não será abusar um tanto da paciencia dos ouvintes?

*

Não está ainda definitivamente assente que as representações wagnerianas de Bayreuth prosigam sem interrupção até 1913, data em que cae no dominio do publico toda a obra de Wagner. Só o que ha de positivo é que se farão este anno as mesmas operas que o anno

passado, estando, por signal, já tomados todos os logares para o *Annel do Nibelungo*, e havendo portanto disponiveis apenas alguns bilhetes para o *Parsifal* e *Lohengrin*.



Falleceram os srs. Antonio da Costa Marques, distincto musico de Sinfães; Francisco José Rodrigues, organista da Sé de Portalegre e antigo professor de musica do Seminario d'essa cidade; Rodrigo Falcão, musico militar reformado, natural do Crato, e Caetano Baptista, também musico reformado, residente em Leiria.



Caixa de Socorro a Musicos Pobres

POR INICIATIVA DA

ARTE MUSICAL

- I — Aceitam-se quaesquer donativos ainda os mais insignificantes, por uma só vez.
- II — A importancia total dos donativos é applicada á compra de titulos do governo, cujo rendimento será distribuido pelos artistas mais necessitados, que queiram subsidio á administração da revista.
- III — Será publicada em todos os numeros da *Arte Musical* a lista dos subscriptores e quantia com que subscreverem.
- IV — Na séde da administração da revista e mais tarde, nos estabelecimentos de musica, theatros, salas de concertos, etc., que o consintam, serão expostos mealleiros especiaes para o mesmo fim.
- V — Nas columnas da *Arte Musical* virá publicado annualmente um balanço promenorizado do movimento da Caixa.

| | |
|--|----------|
| Transporte.... | 668\$050 |
| Carolina Palhares (2.º donativo).. | 1\$000 |
| Antonio Thomaz Martin..... | 5\$000 |
| Francisco da Fonseca Benevides (4.º donativo) | 2\$500 |
| Affonso Vargas (3.º donativo).... | 3\$000 |
| Segue..... | 679\$550 |

Edições da casa **LAMBERTINI**

43, Praça dos Restauradores, 49

LISBOA

PIANO E CANTO

| | |
|--|---------|
| Fonseca | |
| Cinq piéces | \$600 |
| Pereira | |
| <i>Natus est Jesus</i> , texto portuguez. | \$500 |
| Revello | |
| <i>Si J'osais</i> | \$500 |
| Sarti | |
| Six chansons á dire: | |
| N.º 1 — <i>Le chant de la pluie</i> .. | \$500 |
| » 2 — <i>Le baiser</i> | \$500 |
| » 3 — <i>Les cheveux</i> | \$500 |
| » 4 — <i>Les deux coeurs</i> | \$500 |
| » 5 — <i>Détachement</i> | \$500 |
| » 6 — <i>Pourquoi rougissent les roses</i> | \$500 |
| Os seis numeros em collecção. | 2 \$000 |
| Trois chansons á dire: | |
| N.º 1 — <i>Dernières prières</i> | \$500 |
| » 2 — <i>Tendresse</i> | \$500 |
| » 3 — <i>Testament d'amour</i> ... | \$500 |
| Os tres numeros em collecção. | 1 \$000 |
| <i>Les chaînes</i> | \$600 |
| Schira | |
| <i>Sognai</i> , texto italiano | \$300 |
| <i>L'ultima lagrima</i> , texto italiano. | \$300 |

VIOLINO E PIANO

| | |
|------------------------------|-------|
| Hussla | |
| <i>Feuille d'album</i> | \$600 |

PIANO SÓ

| | |
|--|-------|
| Battmann | |
| <i>Aida</i> , petite fantaisie | \$400 |
| Bomtempo | |
| <i>Chrysantème</i> , menuet | \$500 |
| Braga | |
| <i>Perle du Chiado</i> , valse | \$400 |
| Brinita | |
| <i>Romance sans paroles</i> | \$600 |
| <i>Menuet</i> | \$400 |
| Carpentier | |
| <i>Aida</i> , transcription facile | \$300 |
| Cifuentes | |
| <i>Hymno de Castello Branco</i> | \$400 |
| Colaço | |
| <i>Fado Hylario</i> | \$600 |
| <i>Fado Corrido e do Pintasilgo</i> ... | \$800 |

| | |
|---|---------|
| Daddi | |
| <i>Rememrança</i> , valsa | \$400 |
| Florez | |
| <i>Sempre</i> , valsa | \$500 |
| <i>Trevo</i> , valsa | \$500 |
| Fonseca | |
| Cinq piéces | 1 \$000 |
| Furtado | |
| <i>Zininha</i> , valsa | \$500 |
| Hussla | |
| <i>Quarta Rapsodia Portuguesa</i> ... | \$800 |
| Lacerda | |
| <i>Canção do Berço</i> | \$400 |
| <i>Luzitanas</i> , valsa | \$600 |
| Mackee | |
| <i>Caessante</i> , valsa | \$500 |
| <i>Honey Moon</i> , valsa | \$500 |
| Mantua | |
| <i>Devaneio</i> , valsa | \$500 |
| <i>Grata</i> , valsa | \$500 |
| <i>Broinhas de Milho</i> , pas-de-quatre | \$500 |
| <i>P'ra inglez ver</i> , valsa | \$500 |
| Mascarenhas | |
| <i>Celeste</i> , polka | \$300 |
| Motta (Vianna) | |
| Scenas portuguezas: | |
| N.º 1 — <i>Canção do Figueiral e Ao Viatico</i> | \$500 |
| » 2 — <i>O'Malhão e Canção de Aveiro</i> | \$500 |
| » 3 — <i>Canção da Beira e Canção do Douro</i> | \$500 |
| Os tres em collecção | 1 \$200 |
| Oesten | |
| <i>Clochette de Alpes</i> | \$400 |
| Oliveira | |
| <i>Caldas Club</i> , pas-de-quatre | \$500 |
| Penna (filho) | |
| <i>Linda</i> , valsa | \$500 |
| Pereira | |
| <i>Lisboa á noite</i> , valsa | \$500 |
| Pinto | |
| <i>Confidence</i> , valsa | \$500 |
| Rover | |
| <i>Arte Nova</i> , valsa | \$500 |
| Sapetti | |
| <i>Espoir d'amour</i> , valsa | \$500 |
| Zéline | |
| <i>Amas do Monte</i> , valsa | \$500 |
| <i>Valsa Militar</i> | \$500 |

A ARTE MUSICAL
 Publicação quinzenal de musica e theatros
 LISBOA

FORNECEDOR DAS CORTES DE SS.
 MM. o Imperador da Allemanha e Rei da Prussia. — Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia. — Imperador da Russia. — Imperatriz Frederico. — Rei d'Inglaterra. — Rei de Hespanha. — Rei da Romania. — SS. AA. RR. a Princeza Real da Suecia e Noruega—Duque de Saxe Coburgo-Gotta. — Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).
 BERLIN N. — 5-7, JOANNISSTRASSE.
 PARIS. — 334, RUE ST. HONORÉ.
 LONDON W.—10, WIGMORE STREET.

LOUIS RHEAD

OSCAR BRANDSTETTER
 LEIPZIG
 Grandes officinas
 de IMPRESSÃO DE MUSICA
 em todos os generos
 Typographia, Lithographia
 Autographia
 Composição mechanica
 Machinas rotativas
 Instalações especiaes
 para grandes
 tiragens

LAMBERTINI

REPRESENTANTE

E

Unico depositario

DOS

Celebres pianos

DE

BECHSTEIN

Praça dos Restauradores

Augusto d'Aquino

Rua dos Correeiros, 92

Agencia Internacional de Expedições

Com serviços combinados para a importação de generos estrangeiros

SUCCURSAL DA CASA

Carl Lassen, Ásiahaus

Hamburgo, 8

AGENTES EM ..

- Anvers — Joseph Spiero — 51, rue Waghmakere
- Havre — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — 67, Grand Quai
- Paris — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — 12, 14, rue d'Enghien
- Londres — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — Leadenhall Buildings, E.C.
- Liverpool — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — The Temple-Dale Street.
- New-York — Joseph Spiero — 11. Broadway.

EMBARQUES PARA AS COLONIAS, BRAZIL, ESTRANGEIRO, ETC.

TELEPHONE N.º 936

End. tel. CARLASSEN — LISBOA

CARL HARDT

FABRICA DE PIANOS—STUTTGART

A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não constroe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzeado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fórma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensas nas seguintes exposições: — Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na **CASA LAMBERTINI**, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.

PROFESSORES DE MUSICA

| |
|--|
| Adella Heinz , professora de piano, <i>Rua de S. Bento, 56, 1.º E.</i> |
| Alberto Sarti , professor de canto, <i>Rua Castilho, 34, 2.º</i> |
| Alexandre Oliveira , professor de bandolim, <i>Rua da Fé, 48, 2.º</i> |
| Alexandre Rey Colaço , professor de piano, <i>R. N. de S. Francisco de Paula, 48</i> |
| Alfredo Mantua , professor de bandolim, <i>Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º</i> |
| Alfredo Napoleão , professor de piano, <i>Rua do Carmo, 60.</i> |
| Antonio Soller , professor de piano, <i>Rua Malmerendas, 32, PORTO.</i> |
| Carlos Gonçalves , professor de piano, <i>Rua do Monte Olive, 2 C., 2.º</i> |
| Carolina Palhares , professora de canto, <i>C. do Marquez d'Abrantes, 10, 3.º, E.</i> |
| Eduardo Nicolai , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI.</i> |
| Elisabeth Von Stein , professora de violoncello, <i>R. S. Sebastião, 9, 2.º</i> |
| Ernesto Vieira , <i>Rua de Santa Martha, 232, A.</i> |
| Francisco Bahia , professor de piano, <i>R. Luiz de Camões, 71.</i> |
| Francisco Benetó , professor de violino, <i>Costa do Castello, 46.</i> |
| Guilhermina Callado , prof. de piano e bandolim, <i>R. Paschoal Mello, 131, 2.º, D.</i> |
| Joaquim A. Martins Junior , prof. de cornetim, <i>R. das Salgadeiras, 48, 1.º</i> |
| José Henrique dos Santos , prof. de violoncello, <i>T. do Moinho de Vento, 17, 2.º</i> |
| Julietta Hirsch Penha , profes.ª de canto, <i>Travessa Santa Quiteria, 17, 3.º</i> |
| Léon Jamet , professor de piano, órgão e canto, <i>Travessa de S. Marçal, 44, 2.º</i> |
| Lucila Moreira , professora de musica e piano, <i>Avenida da Liberdade, 212, 4.º D.</i> |
| M.ª Sanguinetti , professora de canto, <i>R. da Penha de França, 4, 3.º</i> |
| Manuel Gomes , professor de bandolim e guitarra, <i>Rua das Atafonas, 31, 3.º</i> |
| Marcos Garin , professor de piano, <i>C. da Estrella, 20, 3.º</i> |
| Maria Margarida Franco , professora de piano, <i>Rua Formosa, 17, 1.º</i> |
| Philomena Rocha , professora de piano, <i>Rua D. Carlos I, 144, 3.º</i> |
| Rodrigo da Fonseca , professor de piano e harpa, <i>Rua de S. Bento, 47, 2.º, E.</i> |

A ARTE MUSICAL

Preços da assignatura semestral

PAGAMENTO ADIANTADO

| | |
|------------------------------|--------|
| Em Portugal e colonias..... | 1\$200 |
| No Brazil (moeda forte)..... | 1\$800 |
| Estrangeiro..... | Fr. 8 |

Preço avulso 100 rs.

Toda a correspondencia deve ser dirigida à Redacção e Administração

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 A 49—LISBOA